

A PROFECIA DE MIQUEIAS; DISCURSO ALTISSONANTE DE DEUS CONTRA A DESIGUALDADE SOCIAL

THE PROPHECY OF MICAH; GOD'S LOUD SPEECH AGAINST SOCIAL
INEQUALITY

LA PROFECÍA DE MIQUEAS; EL FUERTE DISCURSO DE DIOS CONTRA LA
DESIGUALDAD SOCIAL

RESUMO

O presente artigo procura refletir sobre a profecia de Miqueias e a atualidade dos contextos sociais que ensejaram sua atividade profética. Miqueias foi uma voz de denúncia contra a profunda desigualdade social que existia entre o povo de Israel no século VIII a.C. Ele denunciou as classes sociais diretamente responsáveis pelos mecanismos que, de forma direta ou indireta, propiciavam o espólio das classes pobres. Tão grande desigualdade social era uma terrível característica daquela sociedade de classes e Miqueias de forma magistral se colocou como arauto² de Deus para denunciar essa penosa realidade. Considerando a realidade brasileira e a terrível desigualdade social que marca nossa sociedade, pode-se afirmar quão atual e adequado é refletir sobre a profecia de Miqueias e sobre a imperiosa necessidade de a Igreja ser a voz profética desse tempo, denunciando o aprofundamento dos mecanismos de desigualdade social presentes na sociedade brasileira atualmente.

Palavras-chave: Profetismo. Desigualdade Social. Antigo Testamento.

1 Graduado em História pela PUC Minas, Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), Pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR), Pós-graduado em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso da Pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica. 1º Semestre de 2020. E-mail para contato: rodrigomadu33@gmail.com.

2 Oficial das Monarquias medievais encarregado de proclamações solenes, do anúncio de guerra ou paz e de informar os principais sucessos nas batalhas; aquele que, por meio de pregão, tornava pública uma notícia.

INTRODUÇÃO

O movimento profético em Israel, também designado profetismo bíblico tem sua gênese já nos primeiros tempos de formação do povo Hebreu. Dessa forma figuras como Enoque, Abraão, Moisés, Débora e tantos outros fazem parte desse fenômeno e devem também ser vistos como profetas. Porém é importante elucidar que esse fenômeno ganha contornos mais claros em Israel a partir da instituição da Monarquia. Deus comissionava sacerdotes e profetas de seu povo para dar posse aos Reis, vide como Samuel ungi Saul, o primeiro rei de Israel, e também coube ao próprio Samuel ungir Davi, uma vez que Deus havia rejeitado a Saul como Rei. Mas o sistema Monárquico em Israel introduz uma espécie de inversão nessa lógica, de modo que os Reis passaram a designar aqueles que serviriam como sacerdotes no meio do povo.

Essa inversão é resultado naturalmente do declínio do sistema Monárquico em Israel e de suas notórias contradições, leia-se, os Reis em grande medida se afastaram de Deus e de sua vontade e o resultado natural desse afastamento é a rejeição de Deus para com muitos desses Monarcas. Urge nesse cenário a importante atuação de figuras que pudessem denunciar os erros cometidos pelos Reis de Israel e pelo povo, quando a situação assim determinasse. Os profetas eram arautos de Deus, não possuindo compromissos espúrios com o Reis e a manutenção de um poder régio.

Os profetas eram figuras que falavam em nome de Deus para denunciar os pecados do povo e das classes governantes, denunciarem o afastamento e a negligência desse povo para com os preceitos da aliança com Deus, denunciar a idolatria de seu povo para com os deuses falsos, denunciar as injustiças cometidas pelas classes governantes e denunciar a infidelidade do povo da aliança. Naturalmente existiam os falsos profetas e os que profetizavam por dinheiro ou qualquer outra vantagem, mas essa diferenciação não é o objeto de nossa reflexão nesse momento.

É importante compreender que os profetas levavam a mensagem de Deus, quer representasse uma sentença condenatória quer representasse um oráculo de salvação. Cabe esclarecer também que o mister profético não é exclusivo de Israel, porém ganhou contornos que o distinguiam substancialmente da atividade profética que era realizada pelos povos que antecederam o povo Hebreu. Povos do Antigo Oriente Próximo como Egito, Mesopotâmia, Mari e Canaã, anteriores ao Israel tribal, possuíam atividade profética.

Pode-se estabelecer em linhas gerais que essa atividade na maioria dessas culturas figurava como fenômeno extático, ou seja, o mister do profeta se realizava a partir de uma espécie de êxtase e havia procedimentos e formas específicas para que a atividade profética se realizasse. Além disso, a profecia desses povos não se caracterizava, de modo geral, por ser uma forma de encaminhar uma mensagem com fundo moral e ético. Tratava-se na maioria dos casos de predição do futuro para dar orientação a Soberanos ou predizer vitórias ou derrotas nas guerras que travavam por domínio territorial e poder. Portanto a lógica que perpassava a atividade profética para esses povos passava ou estava atrelada à dimensão do poder temporal e a forma como ele se estabelecia.

Conquanto o profetismo em Israel também possuísse práticas e formas comuns as atividades proféticas dos outros povos, como predição do futuro ou dimensão extática, gozava de uma representação estruturalmente diferente. Como descrito o profetismo bíblico perpassou as diversas formas de organização social do povo Hebreu, embora seu apogeu tenha ocorrido no período da Monarquia. Esse profetismo em Israel, portanto, não representou uma instância separada ou alheia aos movimentos de transformação social pelos quais o povo Hebreu passou, aliás, muito pelo contrário, ele exerceu papel de protagonismo na história de Israel, porém não tinha compromisso, como supracitado, com as lógicas de manutenção do poder régio.

O profeta era aquele que dava posse a um trono, como ocorreu com Samuel e Davi, mas também e igualmente era aquele que tinha a coragem de pôr o dedo em riste e acusar os Reis por seus pecados, desobediências e infidelidades como ocorreu com o próprio Davi, Salomão e tantos outros Reis Israelitas. Portanto o profetismo para o povo Hebreu estava para Deus, assim como o profetismo entre os povos do Antigo Oriente Próximo estava para os Reis e para a manutenção das lógicas que fundamentam o poder temporal.

[...] o profeta do AT não se conforma com vantagens exteriores. Exige transformação interior: não calcula o número de cordeiros sacrificados: reclamam com urgência sensibilidade perante o desamparado, relacionamentos recíprocos de respeito e lealdade. O profeta de Israel tem consciência de que com sua denúncia está arriscando a vida. Não espera que o soberano lhe conceda audiência nem enrola em luvas de pelica a palavra afiada de Deus. ([...] (SCHOKEL e DIAZ, 1988).

O presente artigo procura refletir sobre o fenômeno profético em Israel em sua significação ou dimensão de denúncia e o faz tendo como horizonte de perspectiva, a profecia de Miqueias, que descreve a apostasia de Judá. Miqueias denuncia de forma cabal o aprofundamento das desigualdades sociais que se verificavam entre o povo de Israel. As classes governantes unidas a um corpo sacerdotal e profético corrupto mantinham os extratos mais pobres da sociedade de Israel a uma condição de empobrecimento, seja pelo espólio de seus bens, seja pela propagação de um discurso de dominação, que deixava perfazer um ideário de espiritualidade que retroalimentava esse processo de dominação de uma classe social sobre outra.

Junto a estes dados de tipo político, com vistas a entender o Miqueias judaíta, são importantes os de ordem social. A corrupção impera por todas as partes. Os poderosos apossam-se dos terrenos e das casas dos fracos, maltratam as mulheres, vendem as crianças como escravas. As autoridades, em lugar de lhe fazer frente, tratam o povo como carne de matadouro [...] (SCHOKEL e DIAZ, 2011).

O conteúdo, o mérito e a lógica que fundamentava e ensejou a profecia de Miqueias é atual e urge que nesses tempos se levantem outros Miqueias para denunciar o mecanismo da desigualdade social, sobretudo considerando a realidade brasileira. O Brasil é uma das maiores democracias do mundo, mas também é um dos países mais desiguais do mundo e essa triste realidade torna imperiosa a reflexão sobre a profecia de Miqueias e sua atualidade, não por mero exercício de reflexão, mas como um forte e cabal impulso a uma atividade profética que denuncie essa desigualdade, que desnude, que traga a luz à negligência das classes governamentais e sua inércia em mobilizar o aparato estatal a fim de mudar essa triste realidade social, que se traduz em um abismo socioeconômico entre ricos e pobres e se traduz também na manutenção dos pobres na situação de miserabilidade.

A denúncia de Miqueias também se dirige a classe sacerdotal e profética corrompida que permite, que legitima, por um discurso de espiritualidade vazia, a manutenção do mecanismo de desigualdade social. A essa classe cabia e cabe denunciar a injustiça da desigualdade social, proclamar que Deus não permite, que ele detesta esse abismo entre classe sociais, detesta o espólio dos mais ricos sobre os pobres.

Esse artigo foi resultado da realização de pesquisa bibliográfica entre os autores que se debruçaram sobre o tema do profetismo bíblico, sobretudo sobre os que estudaram o profetismo em suas interfaces e diálogos com os sistemas políticos de seu tempo e especificamente com aqueles que se ocuparam em compreender quais as reais dimensões do profetismo como ferramenta de denúncia social. Procurou-se estabelecer qual era a dinâmica social no período da profecia de Miqueias, as classes sociais existentes e como se dava o aprofundamento do mecanismo de desigualdade social nesse período, nunca prescindindo do horizonte de perspectiva que é compreender quão atual e premente é a reflexão sobre a profecia de Miqueias para os dias atuais, sobretudo, como dito anteriormente, considerando a realidade brasileira atual.

1. SEÇÃO PRIMÁRIA: UM ESFORÇO DE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA

Para a correta compreensão do mérito da profecia de Miqueias é imperioso elucidar o contexto histórico e político do período. Optou-se por um recorte temporal que abarcasse os reinos descritos no primeiro versículo do livro de Miqueias. Ele descreve: “Palavra do Senhor que em visão veio a Miqueias, morastita, nos dias de Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá, sobre Samaria e Jerusalém.

Cabe nesse ponto lembrar que em 931 a.C o Reino de Israel foi dividido e dessa forma o Reino do Norte passou a concentrar dez tribos com capital em Samaria e o Reino do Sul concentrava duas tribos, Benjamin e Judá, com capital em Jerusalém. Portanto nosso recorte histórico irá se debruçar sobre os Reinados de Pecaías, Peca e Oseías em Israel e Jotão, Acáz e Ezequias, em Judá, uma vez que o próprio Miqueias enfatiza que sua profecia se dirige aos Reinos do Norte e do Sul.

Mas é necessário um pequeno recuo para tratar do Reinado de Jeroboão II no Norte. O reinado de Jeroboão que durou 41 anos (793-753 a.C), segundo consenso historiográfico, encabeça um período de expansão política e comercial em Israel. Jeroboão II amplia as fronteiras de Israel, mas sua política expansionista se tornou possível à custa de um crescente aumento de impostos. O comércio com a Fenícia e o controle de rotas comerciais confere a Israel substancial prosperidade econômica. Israel possuía no reinado de Jeroboão II uma economia forte, porém consolidada sobre esforço de financiamento dos mais pobres que acabavam prejudicados pela massiva tributação.

Nesse contexto se verifica a profecia de Amós e sua denúncia de que no Reino do Norte se estabelece o mecanismo da desigualdade social de for-

ma aguda. A classe governante pomposa é sustentada em grande medida pela cobrança de impostos dos mais pobres, que vão se tornando mais miseráveis pelo espólio sistemático a que são submetidos. O reinado de Jeroboão II entra em declínio. A Assíria se consolidava nesse contexto como nação imperialista e buscava reafirmar seu poder sobre os povos Arameus da Babilônia e sobre o Reino de Urartu.

Tiglate-Pileser III (também chamado de Pul), Rei desse poderoso império Assírio possuía interesse na região da Palestina e logo obriga o Reino do Norte, agora sobre governo do Rei Menaém, a pagar tributos. Pecaías filho de Menaém e seu sucessor, que governa durante dois anos (741-739 a.C) pagava tributos ao império Assírio. Ele é morto por um dos oficiais do seu exército, Peca, que reinou por oito anos em Israel (739-731 a.C). Peca foi um entusiasta e cabeça do movimento antiassíria e houve um alinhamento entre Síria, governada por Rezim e Israel, contra essa dominação do Império de Tiglate-Pileser III.

Síria e Israel desejavam apoio de Judá na luta contra a Assíria, mas não puderam obter esse apoio, uma vez que uma espécie de partido pró-assíria fez ascender ao poder Acaz em 735 a.C. Conquanto temesse investidas do exército Filisteu, Acaz clama apoio de Tiglate-Pileser III contra seu inimigo e dessa forma se choca frontalmente com os Reis de Israel e Síria, que desejavam combater a toda poderosa Assíria.

Peca e Rezim declaram guerra a Acaz de Judá, no evento histórico conhecido como Guerra Siro-Efraimita, por causa do seu alinhamento com a Assíria. Tiglate-Pileseer III vem em defesa de Acaz e submete Israel e Síria. Peca é substituído por Oseias em Israel. Oseias que governa entre 731-722 a.C, figura como Rei Vassalo do Império Assírio, ainda sob domínio de Tiglate-Pileser III. Em 727 a.C Tiglate-Pileser III morre e assume Salmaneser V, seu filho. Oséias faz um julgamento errado ao acreditar que Salmaneser V não teria condição de manter a dinâmica de dominação de seu antecessor e logo se rebela contra o pagamento de impostos a Assíria, confiando no apoio do Egito para esse movimento de revolta.

A Assíria de Salmaneser V não arrefece e impõe cerco a Israel em 725 a.C. Após três anos de resistência, em 722 a.C. a capital Samaria cai sob domínio Assírio. Os povos habitantes do Reino de Israel são deportados para regiões distantes e esse se caracteriza como fim do Reino do Norte. Sobre a situação do Reino de Judá, como já foi descrito supra, Acaz se sujeitou a ser um Rei Vassalo da Assíria, provavelmente por se ver impotente para tomada de qualquer atitude contra a dominação daquele poderoso império.

O profeta Isaías tentou mostrar a Acaz que Deus poderia intervir protegendo Judá dos inimigos, mas Acaz claramente não confiou na profecia e preferiu se valer do apoio da Assíria contra as investidas bélicas que vinha sofrendo de todos os lados. O que é importante realçar é que o pagamento de tributos a Assíria ocorreu graças a uma massiva e contínua tributação sobre as classes sociais mais desfavorecidas em Judá. Essa situação ensejava a agudização do mecanismo de desigualdade social entre classe em Judá.

A vida faustuosa dos mais ricos era bancada pelo pagamento de impostos dos mais pobres. Quando não podiam pagar tinham seus bens confiscados, situação legitimada por um poder judiciário corrupto e alinhado as classes mais abastadas e também legitimado pela classe sacerdotal e profética que, por interesses espúrios não denunciava tal situação. Sobre a perspectiva religiosa é importante destacar que aparentemente o paganismo não se estabeleceu em Judá em tão fortes bases como havia acontecido em Israel desde Jeroboão.

Embora os preceitos da aliança Javista já tivessem sido negligenciados por boa parte da sociedade em Judá, ainda permanecia muito forte o sentimento de fidelidade ao Deus de Israel em grande parte da população. Esse sentimento, aliás, seria grande motivador de um processo de reforma lavada a cabo por Ezequias, Rei que sucedeu a Oséias em Judá. Grande parte da população em Judá quis se insurgir contra o crescimento do Paganismo no Reino do Sul, mas precisava considerar o poder do

império Assírio para levar a cabo qualquer movimento de revolta. Esse é o contexto em que Miqueias profetiza e o caráter de sua profecia não pode ser dissociado ou não compreendido a partir desse pano de fundo. Miqueias, como já descrito, é a trombeta de Deus para denunciar os abusos cometidos contra os mais pobres. Sua profecia é dirigida para Israel e Judá porque nessas duas nações esse mecanismo se verificava de forma inconteste.

1,1 SEÇÃO SECUNDÁRIA: MAS QUEM É ESSE MIQUEIAS?

Segundo Lopes (2009, pág. 11) “o nome Miqueias era muito comum em Israel. O Antigo Testamento faz referência a cerca de doze pessoas que receberam nomes análogos”. Mas o Miqueias a que nos referimos nesse artigo é um profeta do Reino de Judá do século VIII a.C e seu nome significa “Quem é como Iavé” ou “Quem pode ser como Iavé”. Nos dois casos seu nome parece denotar uma espécie de indagação muito pertinente para um contexto de nações que, outrora detentoras de uma aliança com Deus, mergulharam no paganismo. Miqueias era natural de Moresete-Gate, cidade pobre e rural que distava cerca de 40 km de Jerusalém. Cabe destacar sua origem humilde em uma localidade que não possuía qualquer importância política. Miqueias era um homem do campo, não frequentava os círculos da nobreza como seu contemporâneo Isaías e foi testemunha ocular dos conflitos entre trabalhadores do campo e latifundiários.

Portanto Miqueias é um campestre que observa o espólio de seus irmãos e faz uma denúncia circunstanciada, pois a dirige as classes diretamente envolvidas com o estabelecimento do mecanismo de desigualdade social no meio do povo de Israel e Judá. Essas classes estão devidamente descritas na profecia constante no livro canônico de Miqueias, especificamente nos capítulos dois e três desse livro. Passaremos a analisar os versículos que descrevem essas classes sociais e o papel que desempenhavam naquela sociedade marcadamente desigual.

No capítulo 2, versículos 1 e 2 Miqueias descreve: “Ai daqueles que, no seu leito, imaginam a iniquidade e maquinam o mal! À luz da alva, o praticam, porque o poder está em suas mãos. Se cobiçam campos, os arrebata, se casas, as tomam; assim, fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança”. Esse trecho descreve de forma muito clara o poder que os proprietários de terra possuíam naquela sociedade, pois expulsavam os camponeses de suas terras quando alcançavam um grau de miserabilidade que não os permitia quitar dívidas de arrendamento ou quando não podiam pagar seus impostos. Devemos lembrar que pesava constante tributação sobre os mais pobres.

Falar de Herança significa acentuar o caráter ávido das propriedades familiares: são elas a participação transmitida na terra prometida, distribuída por sortes e entregue. Conforme a legislação de Nm 27,1-11 e 36,1-12 (difícil de datar): “A herança dos filhos de Israel não passará de tribo a tribo, mas sim que todo Israelita fica vinculado à herança da tribo paterna. [...] O monopólio de terras destrói a ordem econômica e social primitivas, como mostra a história de Acab, Jezabel e Nabot (1 Rs 21). (SCHOKEL e DIAZ, 2011).

Cabe destacar que parte dessa sociedade já havia se desprendido em grande medida dos preceitos da aliança com Deus e por isso, talvez, se sentissem tão à vontade para ultrapassar um preceito tão fundante como o direito à herança. O versículo nove do mesmo capítulo declara: “Lançais fora as mulheres de meu povo do seu lar querido; dos filhinhos dela tirais a minha glória, para sempre”. Esse versículo parece denotar uma espécie de escravidão a que os filhos dos mais pobres em Judá eram submetidos com anuência das classes governantes e do judiciário, mas não há consenso sobre essa hipótese.

Os versículos 1 a 3 do capítulo três descrevem: “Disse eu: Ouvi, agora, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel: Não é a vós outros que pertence saber o juízo? Os que aborreceis o bem e amais o mal; e deles arrancais a pele e a carne de cima dos seus ossos; que comeis a carne do

meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão?”

Nesses versículos fica claro que aqueles a quem Miqueias designa “cabeças de Jacó” e chefes da casa de Israel” se trata das classes governantes que encabeçaram a iniciativa do espólio sistemático das classes pobres. Miqueias faz uma pergunta retórica: “Não é a vós outros que pertence saber o juízo?”. O profeta parece estar atônito com a postura incondizente dos líderes da Nação que pareciam negligenciar completamente a situação de miserabilidade vivida por seus compatriotas. Sua frase soa como um convite à razão, um clamor diante de tal absurdo que ocorria com fundamento na licenciosidade dessa classe governante.

Miqueias também dirige sua denúncia ao corpo sacerdotal e profético corrupto, quando declara no versículo 5, do capítulo 3: “Assim diz o senhor acerca dos profetas que fazem errar o meu povo e que clamam: Paz, quando têm o que mastigar, mas apregoam guerra santa contra aqueles que nada lhes metem na boca”. O versículo deixa muito claro a corrupção dos corpos sacerdotais e proféticos que realizavam suas atividades por dinheiro ou qualquer outra vantagem, bem como pela manutenção de seu lugar social.

Ainda nos versículos 9 e 10 do capítulo 3 Miqueias declara:” Ouvi, agora, isto, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel, que abominais o juízo, e perverteis tudo o que é direito, e edificais a Sião com sangue e a Jerusalém com perversidade. Os seus cabeças dão sentenças por suborno, os seus sacerdotes ensinam por interesse e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá”. Miqueias capitula nesses dois versículos as classes sociais e suas condutas lesivas, a saber, denuncia a negligência e a perversão do juízo pelos membros do sistema judiciário e a corrupção dos corpos sacerdotal e profético que realizavam suas atividades por dinheiro. É importante reforçar que sua profecia é em todos os momentos destinada ao Reino de Norte e do Sul.

Portanto três classes sociais bem definidas estão envolvidas no sistemático espólio das classes pobres, a saber, proprietários de terras, membros do sistema judiciário e corpos sacerdotal e profético. Numa sociedade que tem na agricultura seu principal eixo econômico se destaca a figura dos pequenos produtores, pois movimentam a cadeia produtiva praticando comércio do que produzem. Coube a essa classe o ônus de sustentar pelo pagamento de impostos uma estrutura estatal extremamente dispendiosa, perdulária e em grande medida ineficiente. Sofrem por terem que sustentar esse sistema, sofrem pela inexistência de retaguarda jurídica e pela incerteza quanto a manutenção de suas propriedades. Não raro foram, como descrito acima, expulsos de suas terras, tornando-se mão de obra barata.

Um exame sobre a história de Israel e sobre os diversos modelos de organização social que vivenciou, permite afirmar que Deus sempre se preocupou com o estabelecimento de um mecanismo de desigualdade social entre seu povo. Miqueias e sua profecia representam uma instância peremptória de denúncia da desigualdade social em Israel. O aprofundamento desse mecanismo de desigualdade social é o grande mote da profecia de Miqueias.

Miqueias não é um profeta da conveniência. Ele ergue a voz e denuncia a arrogância dos poderosos, a truculência dos ricos e a deslavada injustiça dos tribunais; também emboca sua trombeta para condenar a conveniência vergonhosa dos profetas e sacerdotes que, por ganância, ajudam a sustentar um sistema injusto e opressor (LOPES, 2009).

Mas Miqueias não é um “ponto fora da curva”, ou seja, Miqueias não é o único expoente dessa tendência do profetismo bíblico, de encabeçar discursos de denúncia social, também o fazem Amós, Oseias e Isaías. O período histórico que compreendeu a profecia desses homens ficou conhecido como o século de ouro da profecia em Israel.

O século VIII representa o período áureo da profecia em Israel, quando aparecem, na primeira metade, Amós e Oseias e, na segunda, Isaías e Miqueias. [...] Por terem aparecido neste século quatro gigantes do profetismo, passou a ser chamado de “o século de ouro da profecia em Israel”. A desigualdade, a opressão social, a problemática religiosa expressa na discrepância entre culto e ética, bem como a problemática política marcada pela supremacia da Assíria são elementos que integram o cenário da época. (ARAÚJO, 2018)

Miqueias e sua profecia foram abordados nesse artigo por características que o distinguem dos demais profetas de seu tempo. Essas características distintivas dizem respeito a sua condição social e procedência. Diferente de Amós que era um Pastor e produtor de sicômoros (Figos) e Oséias, do qual não se possui dados sobre sua profissão, somente filiação e procedência, ele era de Israel, ou ainda diferente de Isaías que procedia de linhagem real, portanto era um frequentador dos círculos das classes governantes, Miqueias era um homem do campo e do povo. Não se quer evidentemente construir um ideário de que a partir de ou tendo como base sua condição social e procedência, Miqueias tivesse mais legitimidade para profetizar sobre desigualdade social. O que se deseja enfatizar são as condições que ensejaram sua profecia e, portanto, por em relevo sua perspectiva, que é a perspectiva de um camponês, procedente das classes menos favorecidas que, como mensageiro de Deus denunciava o abismo criado pela desigualdade social, e o fazia porque sentia ser realidade latente, real na sua experiência material.

Miqueias embora tenha sido caboclo³ procedente de uma pequena cidade, ergueu a voz para denunciar os pecados de Jerusalém, a imponente capital de Judá. [...] Miqueias denunciou a aliança espúria e o concubinato vergonhoso entre os políticos inescrupulosos e os

3 Caboclo é a designação dada no Brasil para o indivíduo que foi gerado a partir da miscigenação de um índio com um branco. Este designativo também é usado para adjetivar a figura do homem do sertão brasileiro, que possui modo rústico e desconfiado. Tudo indica que Lopes tenha utilizado o termo para se referir a Miqueias em reforço à personalidade de homem do campo, rústico e, portanto, não familiarizado com o modo de vida dos homens das grandes cidades.

religiosos avarentos. [...] Os Camponeses perderam as terras, as casas, as famílias e até a liberdade. Os ricos criaram mecanismos criminosos para roubarem os fracos, os oprimidos, e os pobres. (LOPES, 2009)

Esse Miqueias foi um observador privilegiado das agruras de seu tempo pois as sentia em sua realidade material e imediata. Ele não se furtava, ele abria sua boca para profetizar e sua profecia era um rolo compressor. Não obstante se tratar de uma figura socialmente localizada em extratos mais pobres da sociedade, seu discurso possuía loquacidade, era veemente, pois se ocupava de temáticas centrais para a vida de todas as pessoas no séc. VIII a.C.

1.1.1 SEÇÃO TERCIÁRIA: ATUALIDADE DA PROFECIA DE MIQUEIAS

É importante destacar que essas temáticas são igualmente importantes para os dias atuais, como eram no séc. VIII a.C, tendo em vista que o mecanismo da desigualdade social é tão presente na sociedade brasileira atualmente. Logo Miqueias e sua profecia são ou deveriam ser imperiosamente atuais, notadamente importantes para a sociedade profundamente desigual que o Brasil representa. Urge a necessidade da profecia de Miqueias no tempo presente e é sobre isso que esse artigo trata.

Miqueias é um livro contemporâneo. Sua mensagem é contundente, oportuna e absolutamente necessária. Miqueias está vivo, ele está nas ruas. Sua mensagem deveria estar estampada nos jornais mais conceituados e mais lidos, nos corredores das câmaras de mandatos populares, nos tribunais de justiça e nos púlpitos evangélicos. (LOPES, 2009)

O pano de fundo social que ensejou a atividade profética de Miqueias é perfeitamente verificável hoje. Não se alterou o quadro de profunda desigualdade social em muitos lugares do mundo e no Brasil especialmente. A nação brasileira, uma das maiores e mais vívidas democracias do mundo é

também uma das mais desiguais. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE, demonstram que em 2018 houve um aprofundamento da desigualdade social no Brasil. Os números são alarmantes, verificou-se que o rendimento médio mensal dos 1% mais ricos foi 34 vezes maior que da metade mais pobre no ano de 2018. Em números isso significa que a parcela de maior renda teve ganho médio mensal de R\$ 27.744, enquanto 50% dos menos favorecidos tiveram ganho médio de R\$ 820,00. A Transparência Internacional efetua uma pesquisa em 180 países avaliando o nível de corrupção no setor público. Para tanto ela confere uma gradação de notas que varia de 0 a 100, onde a nota 0 designa países altamente corruptos e 100 países com elevado nível de integridade na condução das políticas e atividades do setor público. Em 2018 e 2019 as notas brasileiras sofreram queda e o Brasil alcançou a nota 35 indicando um alto grau de corrupção no setor público. Já é sabido que a corrupção é uma das principais engrenagens da desigualdade social, ou seja, corrupção redundando necessariamente no aumento da desigualdade social pela má condução de políticas públicas que abarquem os extratos menos favorecidos da população. Também um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2019, demonstrou que a desigualdade social no Brasil está piorando. Esse relatório classificou o Brasil como o 7º mais desigual do mundo.

Fica claro que, embora em um contexto histórico e cultural diferente, as mazelas que objetivamente afligiam camadas expressivas da sociedade em Israel no séc. VIII a.C, não são diferentes das que afligem o Brasil e tantos outros países do mundo na atualidade. Portanto não se pode perder de vista a real necessidade de uma atividade profética nesses tempos, sobretudo considerando sua dimensão de denunciamento. A Igreja como fiel da balança precisa ser a voz profética desse tempo, denunciando de forma contundente o abismo ocasionado pela desigualdade social.

A denúncia de Miqueias tratou de incluir a instituição sacerdotal e criticar seu posicionamento ao lado dos setores mais ricos da sociedade de Israel. A classe sacerdotal corrompida tratou de pronunciar um discurso

que justificava, na medida em que espiritualizava, a situação de desigualdade social. Ela foi corrupta porque ensinou a demonstrar que Deus havia licenciado e permitido a dominação de classes. Portanto o mecanismo é simples e se trata de demonstrar que os ricos são ricos pela vontade de Deus e os pobres o são pelo mesmo motivo.

Evidentemente essa proposição era mentirosa e injusta e continua sendo hoje também. As similitudes, mesmo considerando as diferenças culturais e históricas, indubitavelmente demonstram a necessidade de revisar, de refletir, de reposicionar a atividade profética para que seu mister de denunciamento não se perca nesses tempos. O Brasil não é o Israel do séc. VIII a.C, mas as aflições das classes menos favorecidas, emparedadas, emudecidas pelo mecanismo da desigualdade social, nas duas realidades históricas descritas, são as mesmas.

Desigualdade levada a cabo pelas classes dominantes e legitimada pelos discursos de uma parte da classe sacerdotal que se alimenta de sua aliança com essas classes dominantes. Portanto estudar a dimensão de denunciamento do profetismo bíblico em Miqueias é também compreender a realidade brasileira desses tempos, relacionado ao tema da desigualdade social. Deus continua desprezando, condenando e, portanto, considerando um ato de injustiça toda a permissividade das classes dominantes com o estabelecimento de um mecanismo de desigualdade social, mesmo atualmente. Nessa perspectiva a Igreja pode e deve ser a voz profética desse tempo condenando toda e qualquer postura que permita o estabelecimento desse mecanismo de desigualdade social entre os povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profecia de Miqueias é atual, é poderosa, é necessária. Essa afirmação talvez resuma de forma satisfatória a temática desse artigo. Vislumbrou-se por parte desse pesquisador horizontes de perspectiva importantes na profecia de Miqueias para compreensão da importância da atividade profética no tempo presente. Miqueias, um campesino, um homem simples originário de uma cidade pobre e inexpressiva politicamente no seu tempo, se levanta para denunciar o crime das classes governantes contra as classes pobres. Sua denúncia era resultado de um sentimento de inconformismo.

O Deus de Israel estava irado com a desigualdade social, com a carestia de seu povo, com a injustiça que se verificava no seio do seu povo. Usara Miqueias para ser a sua boca e proferir uma mensagem clara, ele estava condenando as classes governantes, membros do sistema judiciário e corpos sacerdotal e profético por sua responsabilidade direta e inequívoca pela situação de miserabilidade que grande parte do seu povo enfrentava. Ora tomavam suas propriedades, ora tomavam seus filhos para ser escravos e se calavam, os profetas se calavam e também os sacerdotes.

Toda essa atitude lesiva e injusta estava sendo encaminhada pelos detentores do poder com anuência dos juízes e desse corpo sacerdotal e profético corrupto. Embora seja impossível depreender plenamente o conceito de Justiça em Deus, fica evidenciado que todo e qualquer nível de desigualdade social se trata de uma conduta injusta diante de Deus e, portanto, detestável para ele. Por isso o autor de Deuteronômio nos diz no capítulo 16, versículo 19: “Não pervertam a justiça nem mostrem parcialidade. Não aceitem suborno, pois o suborno cega até os sábios e prejudica a causa dos justos”. Por suborno os juízes no tempo de Miqueias julgavam sempre a favor do latifundiário em prejuízo dos pequenos proprietários e arrendatários de terras e tomavam suas terras e sua produção.

Também o Salmista nos diz no capítulo 5, versículo 4: “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar”. Miqueias, o arauto de Deus, denuncia todo esse terrível quadro. Mas todas essas desigualdades socioeconômicas são verificáveis hoje em vários lugares do mundo e no Brasil especialmente. Reforço que embora estejamos falando de tempos históricos e culturas completamente diferentes, não seria anacronismo ver paralelos entre a situação que os pobres enfrentavam em Israel no final do século VIII a.C e a situação que os pobres enfrentam hoje no Brasil. A profunda desigualdade social, a negligência das classes governantes, o espólio que levam a cabo, a negligência da justiça em tratar a causa do pobre e a silêncio dos sacerdotes e profetas quanto a esse quadro foi realidade no século VIII a.C para o povo da aliança e é uma realidade hoje no Brasil. Por isso urge que se levantem Miqueias nessa geração para denunciar essa realidade. Urge um reposicionamento da atividade profética nesses dias e urge que a Igreja seja essa voz profética, essa voz de denúncia contra a desigualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria B. Melo de. **Profetismo, Política e Cidadania**. In: IV SIMPÓSIO DO GRUPO DE PESQUISA, TEMA BÍBLIA, POLÍTICA E CIDADANIA, 2018, Pernambuco. Pernambuco: UNICAP, 2018, págs 165-166, 169-170.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

CAZELLES, Henri. **História Política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno**. São Paulo: Paulus, 1986.

Hill, Andrew E; Walton, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

LOPES, Hernandes Dias: **Miqueias: a justiça e a misericórdia de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2009.

NETO, João O. Ramos. **Um Profeta Relevante, Ontem e Hoje**. Revista Theos, Campinas, 6ª Edição, Vol. 5, págs. 1-10, Junho de 2009.

PETERLEVITZ, Luciano R. **Introdução ao Profetismo**. Revista Theos, Campinas, 5ª Edição, Vol. 4, págs. 2-3, Junho de 2008.

SCHOKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. 1ª Edição. São Paulo: Paulus, 1988.

SCHOKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas II: Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Cartas de Jeremias**. 3ª Edição. São Paulo: Paulus, 2011.

TOZONI-REIS, Marília F. de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2ª Edição – Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2010.

AUMENTA desigualdade social no país, revela pesquisa do IBGE. **ANFIP**, 2020. Disponível em: <https://www.anfip.org.br/geral/aumenta-desigualdade-social-no-pais-revela-pesquisa-do-ibge/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

BRASIL é o sétimo país com mais desigualdade no mundo, segundo a ONU. **Rede Brasil Atual**, 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/12/brasil-7-pais-desigualdade/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

ÍNDICE de percepção da corrupção 2019. **Transparência Internacional Brasil**, 2019. Disponível em: <https://transparenciainternacional.org.br/ipc/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.